

AFROFESTEJO – Canta o que é ser negro no Brasil

Julia Keyse Santos

O Festival de Música “AFROFESTEJO – Canta o que é ser negro no Brasil” constituiu-se como um projeto pedagógico interdisciplinar desenvolvido com estudantes do 2º ano do curso técnico em Agronegócio, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Corrente, localizada no distrito do Café, no município de Alegre (ES). A proposta foi realizada no âmbito das disciplinas de Marketing e Cultura Digital, articulando fundamentos técnicos, culturais e sociais em consonância com os princípios da Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

O projeto teve como objetivo central valorizar a cultura africana e afro-brasileira, evidenciando sua influência estruturante em diferentes gêneros musicais amplamente difundidos no Brasil, como o sertanejo, o rap e o pagode. A música foi compreendida como um espaço simbólico e social de convivência dinâmica entre culturas que coexistem, dialogam, divergem e se mesclam, configurando-se como linguagem potente para a construção de identidades, memórias e pertencimentos (OLIVEIRA, 2019).

Inspirado em grandes eventos musicais contemporâneos, como o Rock in Rio e o Palco Favela, o AFROFESTEJO buscou decolonizar a narrativa da história cultural brasileira, deslocando o olhar hegemônico e apresentando a cultura nacional a partir da perspectiva da população negra. Nesse sentido, o festival promoveu reflexões críticas sobre o racismo estrutural, a invisibilização das contribuições negras e a importância do reconhecimento da ancestralidade africana como base formadora da sociedade brasileira.

O percurso metodológico adotado possibilitou a construção de novas formas de relacionamento entre saberes, sujeitos e grupos sociais, favorecendo práticas educativas mais igualitárias, dialógicas e emancipatórias, ancoradas nos sistemas culturais africanos e afro-diaspóricos (GOMES, 2012; BOTELHO, 2023). A sequência de atividades envolveu pesquisas temáticas, planejamento coletivo, apresentações musicais, criação de cenários temáticos, elaboração de figurinos, produção de videoclipes musicais e desenvolvimento de ações de marketing, proporcionando aos estudantes uma vivência imersiva, criativa e significativa.

Toda a execução e a culminância do projeto foram registradas e disponibilizadas em uma plataforma pedagógica, ampliando o alcance das produções e fortalecendo o protagonismo estudantil. Como resultados, destacam-se o engajamento ativo dos estudantes, o desenvolvimento do pensamento crítico, a valorização da expressão artística e a consolidação de práticas pedagógicas comprometidas com a educação antirracista, a diversidade cultural e a formação integral no contexto da EPT.

Palavras-chave: Educação Antirracista; Cultura Afro-Brasileira; Música e Identidade; Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Referências

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem Fronteiras, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_e_duc%20e%20descolonizacao%20do%20curriculo.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2025.

BOTELHO, Guilherme. **Música preta brasileira: um conceito histórico e/ou rótulo musical?**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/musica-preta-brasileira-um-conceito-historico-e-ou-rotulo-musical/>>. Acesso em: 14 jun. 2025.

OLIVEIRA, Helen Silveira Jardim de. **Educação musical segundo uma perspectiva sociocultural: reflexões teóricas e práticas**. In: RPGE – Revista on-line de Política e Gestão Educacional, v. 23, n. 3, set./dez., 2019, p. 592-622. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/12779/8432>>. Acesso em: 08 jun. 2025.